

## CAFÉ AZUL

Nunca alimentei grandes ilusões na vida.

Gosto hoje, como desde menino sempre gostei, de música e poesia. Não tenho muita paciência pra romances e cinemas. Sou um homem das coisas práticas, ainda que belas.

Permitam-me apresentar. Sou Antônio Marcos, 47 anos, comerciante. Todos os dias, o mesmo caminho me leva sobre meus sapatos à porta de rolar de meu pequeno café na BR, ao lado da passarela que conduz ao campus universitário da Federal de Alagoas.

Meu trabalho é simples: viajantes, estudantes, e quase nunca professores, sentam-se à minha mesa a espera da comodidade da escolha, ponho-lhes em mãos um cardápio.

É um trabalho muito simplório e até monótono, podem dizer. Mas só o é para quem não vê e não ouve como faço.

Pequenas brigas, grandes discussões políticas, o preço do combustível, as notícias da manhã, poemas de Vinícius, o futuro da educação do Brasil, toda sorte de comentário e, às vezes, até o novício de amantes tímidos, sentam à minha volta e eu receptáculo de palavras e gestos.

Agora mesmo, alguns garotos e uma moça discutem música. E percebo o quanto é secundário o assunto. Sentam-se juntos, essa é a grande coisa: estarem juntos. Vanglorio-me que seja em meu pequeno café. Pois amo ver a contenção (oh, sagrada contenção!) com que o rapaz resiste àquela moça morena e o carinho com que ela lhe beija a mão e como os olhos se tocam. E o assunto arpeja, reveza e a tarde passa sem que eles percebam. Diferente dos outros à mesa, eles dois nunca olham para o relógio antes que a noite caia. Só depois, se lembram de suas casas, vidas, compromissos.

Mas, foi semana passada.

Uma moça como esta, mas muito triste, sentou-se e pediu um café. Tomou-o, baixou a fronte, despejou algumas três lágrimas dentro da xícara vazia. Pôs um livro em cima da mesa. Pagou pelo café. Eu quis perguntar se estava tudo bem. Mas, ante sua tristeza, achei que seria completamente inútil perguntar, era o óbvio.

As pessoas insistem, à minha revelia, em atravessar a BR sem utilizar a passarela. Eu sempre advirto. Sempre!

Nesse caso, não houve tempo.

Deixou *Os Moinhos*, de Milton Rosendo, em cima da mesa e antes que eu pudesse chamá-la para devolver o livro, ela o fez.

Jogou-se na frente de um caminhão.

Tão bonita a moça! Tão jovem!

Engulho súbito.

Precisei de água com açúcar.

Abri o livro. Dentro um bilhete que preferi nem ler.

Fiquei com o livro.

Entreguei o bilhete à mãe da moça que veio, mais tarde, sem consolo.

Em minutos: a BR fechada, a polícia, o IML, os repórteres.

Nunca, em todos esses anos, o meu Café Azul serviu de cenário para fotos tão tristes.

Falou-se disso a semana toda.

“Que coisa horrível!”

Choro por que me lembro da moça e olho para a moça à mesa com os moços discutindo música e vejo como são semelhantes todas as moças, estão sempre à procura de alguma poesia na vida diária.

Alguém grita: “Seu Antônio, a conta!”

Passo a mão pelos olhos, pego a calculadora, ponho no bolso. Olho de relance para o livro sobre o livro-caixa do meu Café.

Que bonito livro você me deu, moça! Que bonito!

Nunca alimentei ilusões na vida. Grandes ou pequenas.

Mas penso agora em ser poeta.

“Quebrado”

*I hurt myself today to see if I still feel. I focus on the pain, the only thing that's real...The needle tears a hole, the old familiar sting. Try to kill it all away, but I remember everything.<sup>1</sup>*

— **Nine Inch Nails – Hurt.**

Penso várias vezes antes de começar a escrever, não tenho muita segurança de que é isto mesmo o que desejo, mas assim que percebo uma centelha de sentimento se formar, começo a alimentá-la sem pestanejar, quero incendiar-me.

*Sentir...como definir tal experiência? Seria apenas um conjunto de fenômenos químicos operados pelo meu cérebro e meu espírito que se debatem em uma agonizante busca por propósito? Aliás, será a cisão entre prazer e dor tão clara assim? O que os dois lados podem me ensinar? Confesso que a dor me instrui mais sobre mim mesmo do que o prazer de sorriso tão enganador que entorpece a minha percepção e transforma-me em um mendigo sedento por mais um pedaço de coração. Admire os meus olhos chorosos, consegue dizer-me não? Entretanto, afasta-te cálice, antes que eu prove de teu vinho!*

*Cavando em muitos corpos, tentei encontrar as engrenagens deste mecanismo tão complexo a que chamamos vida. Fiquei viciado nesta droga, todavia nunca consegui ser um espelho da intensidade pulsante com que me encontrei várias vezes em diversos formatos. Cada um foi precioso, contudo nenhum foi mais especial ao ponto de atingir o meu cerne, colocando-o em movimento.*

*Qual a forma que assumi nesta busca desenfreada, durante a qual cheguei perigosamente perto de meu próprio fim? Do ápice ao nível mais profundo, somente neve me recobre, nunca senti o ardor do sol em minha pele de inúmeras cicatrizes.*

*A velocidade de nossa civilização me deixa aturdido, então prefiro a companhia de corpos frios, ouvintes pacientes, tolerantes, fiéis. Eles sabem guardar segredos, mas depois de um tempo eles também vão embora de minhas mãos, não conseguem mais alimentar o meu apetite, tenho sempre necessidade de mais, logo caço.*

*Pelo visto, não sou tão diferente do monstro canibal a quem abomino – sociedade. Apenas sou mais honesto, retirando o meu véu como uma noiva no instante do beijo diante do altar, mas as minhas carícias são incisivas – invasivas seria uma palavra melhor – Porém, sou dedicado a cada toque, não sou como estes jovens imersos em um caldeirão de hormônios. Gosto de saborear o leite como um enófilo.*

*“Qual o legado deixado por ele?” – indubitavelmente alguns corvos midiáticos irão indagar. Deixo-lhes registrado que a herança que gentilmente entrego somente aos corajosos é cabível, visto que ela é a liberação das sombras encravadas nos cantos mais ermos da mente humana. Pranto e ranger de dentes, causei e ainda causarei, uma vez que tenho a certeza de que muitos reviverão as minhas pegadas.*

*Posso me diluir na realidade, rumo a dimensões além daquela mais ordinária. No entanto, ao espalhar-me, descaracterizando-me, atingindo o status de uma face borrada que inspira o medo, ainda terei o domínio sobre muitos. Não sou mais Eu, sou um arauto d'O mal, imortal, atemporal...por que não infernal? Reverenciem-me, fiquem de joelhos e iniciem o coro: Piedade, piedade! Eu quero viver!*

*Eu conquistei o meu posto neste mundo, fui classificado como uma espécie de rei venenoso, extremamente nocivo aos “bons costumes”, um atentado ambulante à vida e violento como uma tempestade que a tudo arrasta com indiferença. Com um sorriso sarcástico e olhar alucinado ao contemplar a lua por uma janela, penso em como os mesmos que atiram flechas em mim são os que encarnam o papel de Caím pela omissão diante de execuções sumárias – curioso, não?*

---

<sup>1</sup> Eu machuquei a mim mesmo hoje para ver se eu ainda sinto. Eu me concentro na dor, a única coisa que é real...a agulha abre um buraco, a velha picada familiar. Tento matá-la de todos os jeitos, mas eu me lembro de tudo.

*Entenda-me, como qualquer homo sapiens – agora vejo que não passamos de animais com uma porção mínima de consciência ou vai me replicar dizendo que somos evoluídos, apesar de exemplos como Hiroshima e Nagasaki – quero apenas encontrar o meu lugar nesse quebra-cabeça. Você treme ao pensar em mim, me chama de louco, pensa em modos requintados para me matar, afinal segundo você eu mereço toda a dor que for possível infligir a um homem. O teu sadismo velado não passa despercebido ao meu faro, reconheço um de minha tribo. Largue a tua dissimulação, ator de quinta categoria, deixe a arte do homicídio para quem sabe lidar com as suas sutilezas! Alguns de vocês dizem amar o “terror”, mas sabem mesmo o que é O Terror?! Vocês são crianças amedrontadas, congeladas ao verem a sombra do monstro, imaginem quando contemplarem O Monstro.*

*No fundo, apenas há algo irreversivelmente quebrado dentro de mim, justamente aquele dispositivo que nos impede de matar uns aos outros, aquele senso de dualidade – certo e errado – que nos freia quando queremos matar por estrangulamento a velhinha que demora com as suas compras no supermercado ou enfiar a caneta no pescoço daquele tagarela que nos aborrece quando necessitamos de concentração. Portanto, como me tachar de culpado?! Compreendam! Assim nasci e assim morrerei, culpem o vosso deus pelos meus atos hediondos! Pelas grávidas, idosos e bebês mortos! Ele permitiu que eu existisse!*

*Então, doce amigo, desbravador de cadáveres a que chamam legista, o que acha de minha arte? O sangue obviamente estava coagulado, o que encobriu parte dela, mas você já deve ter passado um jato d’água para revelá-la, você é um tremendo curioso. Tem minha permissão para copiar e publicar o texto em um desses blogs voltados ao macabro. Quero que outras pessoas me leiam.*

*Em um mundo um pouco diferente, talvez a minha aptidão fosse direcionada para algo menos letal. Pintor, escultor, ator...escritor...sim, isto! Escritor, eis uma profissão que poderia adotar, mas é lamentável que meu primeiro texto seja algo póstumo. Será que emocionarei alguém? Ó, mundo que me pariu, por que me abandona somente agora? Por que não me abortou antes mesmo que as minhas trevas conhecessem a luz? Começo a esfriar.*

*O que é isto escorrendo pela minha face e tocando meus lábios? O gosto é salgado. Lágrimas? Sim, é isto! Como é bom o calor que está me consumindo, estou em chamas! Isto é melhor do que esfaquear, estrangular, queimar, cortar, espancar, envenenar e todos os verbos da senhora morte. Estou tão feliz que abro um sorriso de orelha a orelha com o bisturi. Estou com as pupilas dilatadas pelo prazer. Encosto a minha cabeça na banheira sem água e olho o piso do banheiro com uma enorme poça rubra ao meu redor. Quase não vejo mais espaço em meu corpo para escrever, mas consegui dizer tudo o que queria, ponho o bisturi ao meu lado...*

*Desculpe-me, uma última observação: Não levei o meu cão para passear, por favor, peça a quem me encontrar que se encarregue dessa tarefa e o adote, se for possível. Dois pontos finais, são os meus olhos fechando-se.*

\*\*

Três dias depois, vizinhos desconfiaram da falta de movimentação na residência, arrombaram a entrada e encontraram o cadáver no chão do banheiro. No porão da casa foram descobertos vários esqueletos. A perícia apontou que os restos mortais eram de pessoas desaparecidas nos últimos dez anos na cidade de Maceió.

A personagem

Há pouco que ela acordara. A fresta da cortina já deixava derramar o mais sutil raio de sol da manhã, que dançava molemente no quarto por entre as partículas de poeira. Estas, por desordem, flutuavam, desciam, pendiam às paredes, sopravam no seu rosto e se atracavam aos móveis e caixas no ritmo daquele impecável Blues matinal. Enquanto nada estivesse em seu lugar e as roupas permanecessem soltas à beira das bagagens, a poeira gozaria infinitamente daquela dança do sol, que por pequenas aberturas na janela já se lhe concebera o papel de estrela do espetáculo.

As roupas, de fato, estavam estáticas há mais de uma semana no mesmo lugar. Se ainda não possuíssem, por trás de toda a camada de pó, algum resquício de suas cores vibrantes, eu diriam que estavam mortas. Sim, sem vida. Quem entrasse ali naquele momento – naquele exato momento em que eu observava a moça da minha posição de narrador. Que não sei onde se encontra na verdade, não sei se uma espécie de Deus, onisciente, que observa tudo do alto, por cima das nuvens, ou se era eu sua própria consciência em terceira pessoa. E não venham me dizer que não temos três pessoas em nossa consciência, porque seria um absurdo negar esse fato. Então, apenas para definir meu papel nessa história, e ninguém ficar me chamando de mexeriqueiro pelo fato de saber de todos os detalhes da vida daquela mulher, direi que eu sou apenas sua terceira pessoa. Aquela que olha, aponta, adverte, mas não pode modificar nada sozinha. – enfim, eu estava dizendo que quem entrasse ali naquele momento poderia ter certeza de que as roupas jaziam sobre as malas velhas, e que nunca mais serviriam a corpo nenhum de tão defuntas que estavam.

Eu gostaria de ver o meu coração naquele instante. Quer dizer, o seu coração. Se não é que eram os mesmos, pois ainda não consegui descobrir completamente quem sou eu nessa história, e me sinto um tanto atrelado ao corpo da moça.

Se eu pudesse, e se ela pudesse, ver aquele coração, nenhum dos dois se surpreenderia. Feito um corte da garganta ao umbigo, um corte transversal entre os seios, e puxadas todas as camadas de pele, poderíamos ver aquela bomba atômica em uma dimensão mais precisa. Desativada, mas ainda perigosa. Perigosa não pelo risco de explosão – não era mais capaz de explodir, estava em estado de inanição: abandonada e sem alimento – mas pelo seu peso excessivo. Talvez fosse melhor mesmo, após uma cirurgia indelicada, extrair o coração do corpo, que era antes um cadeado sem abertura para chave. Antes um pedaço de chumbo. Talvez, sem um coração – sem aquele coração – ela pudesse correr mais vezes à beira do mar. Talvez ela se sentisse mais apropriada para dançar, sem aquele peso todo dentro de si. Talvez ela conversasse melhor, antes que o chumbo tivesse atacado também suas cordas vocais. Talvez ela descesse as escadas, pela manhã, com mais desenvoltura.

Talvez, no seu caso, o coração determinasse uma anti-vida a ser morrida, e a ausência dele um desprendimento do medo da morte.

Não chovia.

Eu gostaria que chovesse. Sempre chove nas histórias tristes. Ela pensava. E pensava como se soubesse que eu a observava dali, de não sei de onde. Ela olhava para os lados, sentia minha presença, solvia meu ar. Até respirava mais forte, como que pra roubar todo o oxigênio e me asfixiar. Não queria matar-me, Ana... era dócil. Mas de uma doçura quase perversa. Queria brincar comigo, enquanto eu não podia brincar com ela. Nem sequer tocá-la. Ainda que eu tentasse me camuflar numa daquelas partículas de poeira, jamais conseguiria tocá-la.

Eu era apenas sua terceira pessoa. O narrador dessa história. E isso dói, Ana, dói tanto que você nem sabe. Se soubesse, não me maltrataria assim. A única área a que eu posso ter acesso é o seu pensamento, mole, cíclico. E Ana contorcia os fatos, moldava seu pensamento para me enlouquecer. Eu nunca sabia se o que ela pensava era verídico ou não.

Ela pensava para criar um enredo, ser protagonista, atrelar-me a ela. Ana pensava coisas tristes, como a morte, e eu não conseguia abandoná-la ali no seu leito, prestes a morrer de desgosto. Eu tentava me desviar rapidamente para outros personagens. Tentava contar uma história mais ampla. Buscava sair do seu quarto sorratamente, de mansinho, ir ali à esquina e voltar. Procurava pessoas próximas, o vizinho, o porteiro do prédio, o cachorro na cozinha. Até as formigas - eu poderia falar sobre as formigas - sobre a graciosidade com que elas carregavam seu pedaço de doce até o formigueiro. Mas Ana era mais. Ainda mais graciosa, ainda mais doce. Ou eu queria que fosse. Eu a contava assim.

Eu não podia abandonar Ana porque a cada vez que eu me afastava ela pensava coisas mais tristes e eu tinha medo de que quando voltasse ela não estivesse mais ali. E eu ficava. Ficava apenas mirando-a, contornando seu corpo com meus dedos invisíveis que não podiam tocá-la. Eu queria acariciá-la, cada extremidade da sua palidez, sentir o suor dos seus poros. Desfalecia com cada recaída sua. Desfalecia quando ela pensava nele. Nele, o outro personagem.

Eram dois protagonistas.

Ele que estava no mesmo plano existencial que ela. Ele que podia abraçar seu corpo, fazê-la chorar de dor, de amor, de ódio. Ele que podia sufocá-la, beijar suas pernas, arrancar seus cabelos. Mas eu não podia fazer nada, só podia sentir um vazio imenso entre nós, entre os dois planos distintos. Como se eu estivesse morto e ela viva, bem viva, a me atemorizar do outro lado. Viva como um fantasma que não me deixava dormir de tanto medo.

Eu odiava Ana. Ana me faria perder o juízo, perder o emprego, perder a vida.

Nenhum leitor iria querer ler uma história apenas sobre Ana. Mas eu já não me importava com os leitores, eu falava mais para Ana do que para eles. Eu falava para mim, para me permitir o gozo de ver Ana a todo instante. Eu falava de Ana na sua decadência, com o corpo sujo, coberto de farrapos, uma cerveja do lado. Nenhum leitor iria querer ler uma história que se passa dentro de um quarto de quatro metros de largura por três de comprimento, com uma mulher sozinha, suja e bêbada. Ah, mas era Ana. Nenhum leitor iria querer uma história daquelas, uma história sem aventura, mistério, sexo, amor, culinária ou religião... ah, mas Ana. Ana tinha tudo isso no seu corpo miúdo. Todos os leitores jamais poderiam entender a importância de Ana ali, deitada molemente na poeira do quarto, com o corpo inclinado para o lado e os pés sem meias, as unhas sem corte.

Eu falava de Ana quando ela se levantava, quando ela afundava o rosto no travesseiro, quando ela tomava banho e não usava xampu nos cabelos e saía sem toalha e enxugava-se no próprio cobertor. Eu falava de quando ela passava as mãos nos pelos crescentes das pernas que não tinha coragem de raspar. Eu falava de quando ela escovava os dentes, um dos poucos hábitos higiênicos que lhe restaram. Eu falava do nada que lhe restou, do vazio no peito que ele deixou nela. Ele, ainda ele. Eu falava da camisa dele que ela ainda tinha.

Eu falava dele, falava dos dois. Falava de Ana.

Você nunca pensou no sofrimento de um narrador que não pode tocar sua própria personagem. Você nunca pensou que todos aqueles que lhe amaram, o mocinho, o bandido, Ana, todos esses, nenhum deles lhe amou. Nenhum deles lhe amou como eu... como eu, Ana, que lhe conto. Como eu que sou quase você. Mesmo sem você querer que eu fale tanto assim. Mesmo sabendo que estou invadindo sua intimidade e lhe mostrando para o mundo. Esse mundo que vai ignorar, que vai achar bobagem.

Eu falo de você, Ana, eu falo muito. Porque se eu calar você morre. A história acaba, o leitor suspira de alívio. Se eu calar você morre. Ana, você morre, e eu morro também.

**Uma vida de grandes aventuras: entre a felicidade e a loucura.**

Veridiana resolveu não pensar muito nas coisas. Foi um dia cheio e ainda havia muita coisa para ser feita. Mas o cansaço lhe vencia aos poucos, já não bastava mais aquela velha xícara de café ao lado da escrivaninha. Seus olhos pesavam e ela não conseguia pensar com clareza. Pegou o trem no sentido Bairro Tancredo Neves, estava muito cheio, mas apesar do cansaço teve que ir em pé por falta de espaço. Na cadeira próxima dela estava um jovem com fones nos ouvidos, a bolsa dela pesava com alguns livros. Mas, apesar disso, foi o tempo todo do percurso em pé, pois já havia tirado da mente a possibilidade de ali haver um homem cavalheiro que lhe oferecesse lugar para sentar.

Da janela ela podia sentir um pouco de ânimo dentro de si ao olhar para o verde das plantas. Era interessante o modo como as coisas passavam diante dos seus olhos, era mais interessante ainda o florescer da natureza. E pensou se a humanidade fosse semelhante à natureza, que no decorrer do tempo estivesse sempre a florescer. Veridiana havia lembrando que tinha passado por ali há alguns dias e todo aquele vasto campo estava seco. Mas bastou-lhe a chegada da chuva que veio como algo doce. A vida passava lá fora e ela podia sentir, podia sentir o vento que brincava com os seus cabelos, o cheiro do verde. E quem nunca sentiu o cheiro do verde? Ela havia sentido e sentia quase sempre, poderia dizer que tinha cheiro de mel.

A moça poderia ficar apreciando as coisas da natureza uma eternidade. Mas o mundo lá fora girava com uma força incansável. Puxava Veridiana da cama às 05 horas da manhã, ela tomava um banho frio e ia para o trabalho. Achava o seu trabalho tedioso assim como qualquer rotina e pensava com ela que amar é sempre a melhor coisa. Dirigindo-se para o 11º andar do prédio de uma grande agência de textos – Writing path – conhecida como *caminho da escrita*, onde eram feitos diversos trabalho de revisão, edição e desenhos gráficos em livros. Ela passava a maior parte do tempo atendendo telefones, agendando horários, e não achava nada de interessante nisto. Tudo não passava de um processo mecânico que começara com o *trin-trin* do telefone. Quantas vezes ela não teve vontade de jogar o telefone do 11º andar? Foram muitas e até já sonhara com isso. Ao recordar esse fato começou a sorrir sozinha.

O chefe da agência, senhor *Jorge Mater*, que ela caracterizava como um velho barbudo, mal humorado e que vivia uma vida infeliz, pois só pensava em dinheiro. Subia o andar quando avistou a mulher sorrindo sozinha falou-lhe sobre os horários que haviam agendado, mas a moça nada respondia. Ele então a tocou no braço, ela assustou-se por estar perdida em seus pensamentos.

Ela disse: - Desculpe-me, senhor Mater, eu havia me perdido.

Ele não entendeu aquela expressão, mas mesmo assim não havia tempo para pensar no que seria. Entrou na sua sala onde era um lugar mobiliado de coisas rústicas que ele havia gastado milhares de dólares numa cadeira australiana. E sentava-se nela com um ar de soberano parecendo estar no trono, de fato a cadeira era muito alta. Ela pensou que o mundo estava cheio de pessoas assim



soberbas, enquanto ele gastava enormes cifras numa cadeira que serve de apoio para um enorme traseiro, pessoas morrem de fome.

Veio a sua mente recortes de fotos parecendo flash. Lembrou-se de quando saía do trabalho às 18 horas e passava pela Avenida São Pedro, onde se encontravam pessoas dormindo ao relento, apenas sob um pedaço de papelão. No dia anterior àquele havia uma menina de uns quatro ou cinco anos de idade que usava um vestido branco e sujo, seus cabelos pretos e lisos eram tão lindos. O rosto dela estava melado da poeira do tempo, da vida. Descalça, a menina foi em sua direção com um pedaço de pão na mão e lhe ofereceu. Ela imaginou muito aquela cena que ora vinha com facilidade na sua mente. E perguntou por que a menina havia lhe oferecido aquele pão. Alguém que tinha tão pouco e, mesmo assim, ainda lhe deu.

Ela sentiu rancor da agência, do seu chefe e de todos ali, pois só se preocupavam com o mundo da fama. E faziam o que fosse preciso para tê-lo. Na infância, era uma menina de classe media alta, estilo *burguesia*. Hoje não tinha apego aos bens materiais, mas sim aos do coração. E, quando pensava dessa forma, sorria novamente. De fato, ela não era mais a mesma Veridiana, mas outra, ainda melhor.

Tocou o relógio marcando 18 horas, então ela arrumou sua bolsa e pegou o elevador. Gostava de ir andando, por isso dificilmente pegava táxi. Na noite iluminada de um céu estrelado, a brisa do vento era maravilhosa e não havia pressa em apreciar tudo aquilo. Chegou a sua casa e, por ironia, bateu na porta, mas lembrou-se, em seguida, que morava sozinha durante anos. Entrou, caiu de bruços no sofá e passou um tempo deitada. Colocou na sua vitrola um disco de vinil de Ludwig Van Beethoven para tocar. Abriu um vinho que se encontrava na geladeira desde o natal e tomou uma taça, depois outra e mais. Começou a dançar a música de Ludwig Van Beethoven como uma valsa e girava sozinha na sala imaginando estar com um homem. E o homem a pegava com suas mãos grandes pela cintura e rodopiava com ela pela sala. Sua cabeça logo começou a pesar, suas pernas já estavam sem forças e no chão ela caiu. No outro dia, não soube discernir entre sonho e realidade.

Tomou uma xícara de café e ficou andando pelos cômodos da casa, percebeu que morava numa casa muito grande. Passou os olhos na estante cheia de livros e lembrou-se do tempo em que cursou a Faculdade de Letras, encontrou então o seu diário. Havia um sonho, o desejo de se tornar uma grande escritora e aquele diário era parte desse sonho. E por que havia deixado aquele sonho no espaço inerte? Folheou as páginas e sentiu uma pontada no peito, neste mesmo momento abraçou-se com ele. Olhou para o grande e antigo relógio que havia ganhando de seu pai percebendo o atraso para ir ao trabalho. Com rapidez, guardou o diário na bolsa, pegou as chaves e saiu quase correndo para a Agência.

A Writing path já estava cheia de pessoas entrando e saindo e, ao chegar, o chefe percebeu o atraso dela e apontou para o relógio dizendo que estava 10 minutos atrasada.

Veridiana: - Senhor Mater, eu posso explicar.

S.M.: - Guarde suas explicações para si mesmo. E não se preocupe, pois será descontado do seu rendimento.

Sem mais, ele saiu.

Ela pensou como poderiam existir pessoas tão amargas no mundo. Sentiu vontade de incendiar toda aquela agência, lembrou que havia fósforo na sua bolsa, mas desistiu rapidamente da ideia quando se imaginou numa prisão. Deveria pedir demissão. Mas sabia que precisava daquele emprego, sabia também o quanto demorava em conseguir outro devido à enorme fila de currículos que já havia no mercado.

Havia pouquíssimas pessoas dentre as quais ela gostava na Writing path, recordou então de um rapaz, o Vini, que lhe dera um livro de Machado de Assis. Nunca poderia esquecer um romance como aquele de Bentinho e Capitu. Pensou se o Vini não estaria interessado nela, mas ele havia sido transferido para outra agência da Coluna de Escritores. Lamentou muito por isso.

Tocou o telefone...

Veridiana: - Alô? Bom dia! Agência Caminho da Escrita.

Vini: - Olá, bom dia! Preciso marcar um horário.

E, neste mesmo instante ela tinha sentido a impressão de conhecer aquela voz.

Veridiana : - Por favor, com quem falo?

A pessoa começou a sorrir do outro lado.

Veridiana : - Por favor, senhor, se identifique, pois assim não poderei agendar o horário.

Vini: - ok!

Vini: - Vinícius Alexandre Sebastian.

Vini: - Será que você não mais me conhece?

Ficou ela sem voz neste instante e desconcertada.

Veridiana: - Ah, sim, claro.

Vini: - Minha querida, estou com o coração apertado de tanta saudade.

Veridiana: - Eu também Vini... marcamos um café qualquer dia desses?

Vini: - Hum... eu bem que queria. Mas estou te ligando para dizer que viajarei para *Paris* amanhã.

Lamentou ela mais do que da primeira vez.

Veridiana: - Sendo assim, eu só posso te desejar muito sucesso.

Sabia que ele tinha grandes sonhos e sentira a empolgação em sua fala quando disse que iria para Paris. E desejou ele muita felicidade a Veridiana. Percebeu ela o trocadilho que fizera entre sucesso e felicidade. Por que ele também não lhe desejou sucesso? Será que ele havia dito para ela ser feliz? Ela não quis pensar mais sobre isso. Desligaram os dois os telefones ao mesmo tempo.

Ficou Veridiana com a cara de funeral o resto do dia. E para completar tal sentença o *Jorge Mater* perguntou se estava sentindo alguma dor.

Disse em tom de ironia:

Veridiana: - Nunca estive melhor se quer saber.

Pegou sua bolsa naquele dia e foi para casa antes mesmo do expediente terminar. Aquela seria o último dia em que trabalharia.

Andava na rua sorrindo para todos. Afinal soube lidar com tal sofrimento.

Mas quando chegou a casa caiu aos prantos.

Pegou seu diário e escreveu a seguinte sentença:

*“Um dia, você de qualquer forma sente cansado de tudo.*

*Mas ainda bem que há outro dia.*

*Da janela ainda posso ver os pássaros que voam*

*E eu também gostaria*

*De voar, embora não possa.*

*Meu pensamento sim.”*

Olhou um tempo para o que havia escrito. Sempre fora apaixonada por poesia e pensou que poesia e natureza seria a combinação perfeita para a sua vida. Teve então, uma ideia que pouquíssimos teriam e os que não teriam chamavam-na de louca. Escreveu um testamento doando a sua casa para as crianças que moravam na rua. Com aproximadamente 10 anos transformou-se a grande casa de

Veridiana no *Lar da Esperança*, onde passaram a morar 120 crianças, que corriam e brincavam na grande casa. Sentiria ela muita felicidade.

Depois de escrever o testamento, foi na estante e pegou seus livros prediletos de Literatura Brasileira e Filosofia. No armário, pegou o máximo de comida enlatada. Preparou sua Mochila Camping, que estava bastante pesada, a colocou nas costas e partiu. Partira tão feliz que nem ao menos olhara para trás. Andou com a mochila de camping pelas ruas e as pessoas a olhavam com expressões esquisitas. Abraçou-se com o poste na rua e gritou: Liberdade! Viva!

Os vizinhos nunca mais a viram. Os boatos nas ruas eram de que ficara louca. Pegou um trem qualquer sem saber o destino para onde iria. Passando pela ponte Dom Pedro II, atirou nas grandes águas do Rio São Francisco seus cartões de crédito e a agenda com os horários do Senhor *Mater*. Estava ela adentrando no Estado das Alagoas. Ao chegar a Maceió, avistou a Praia do Francês e sentiu-se no paraíso. Desceu do trem, quase correndo e vasculhou toda a região da Praia, quando encontrou uma choupana da Tribo dos Caetés. Foi lá onde fixou morada de terra e coração, pois havia se apaixonado por Apoema, índio dos Caetés.

Trazia o índio presente todas as manhãs para ela antes uma flor de laranjeira, depois um colar de palha de côco e mais, e enfim, beijos e abraços. Estava Apoema apaixonado pela moça loira e a moça mais ainda por ele. Foi no meio da tribo que ela encontrara a felicidade e inspiração para escrever seu livro. "*Da poesia à natureza: felicidade*" este foi o nome do seu primeiro livro que fez muito sucesso e teve milhares de exemplares vendidos. Depois desse dia, teve seu nome estampado em muitas colunas, mas apesar de tanto sucesso nunca deixou a tribo, nem Apoema.

Corriam os dois pela grande praia. Quando ela olhou ao seu redor, nunca se esquecera do quanto tinha, tinha a água que lhe banhava, o sol que lhe iluminava e muito mais. Fechou os olhos e Apoema a beijou.

O despertador toca. São 5h da manhã, Syd desperta e pensa:

— Evito viver por mais 10 minutos?

— Melhor não, ninguém mata o sono em 10 minutos, mas perde a viagem por menos que isso.

Pensamento simples. Rima pobre. Constatação complexa.

Sai de casa, às 6h chega à estação existência, escolhe, como de costume, algum assento do meio, olha a janela e espera que o trem o leve para seu destino. Depois de algum tempo, um homem aparece para vender. Syd conhece as normas, sabe que há placas espalhadas pelos vagões com aviso de que é proibido comer na viagem e aguarda silenciosamente a aproximação do sujeito. "são livros, que alívio!", pensou Syd.

— O senhor deseja comprar livros?

— Livros? Quais?

— Vendo apenas um livro, digo, vários livros, porém todos iguais. Entendeu?

— Sim, pensei até que vendia comida. Mostre-me um de seus livros repetidos.

— Claro! Está aqui, fique à vontade, volto logo para recolher o dinheiro, caso haja interesse em adquiri-lo.

E assim o sujeito foi ter com todos os passageiros. A grande maioria ficou com o livro para folheá-lo. Syd, fazendo o mesmo, percebe que o título é bastante simples: "**ESCAPE**: dicas de como ganhar dinheiro sem esforço e ter uma vida completa e intensa".

Comprou o livro.

Chegou à estação novo tempo rapidamente, sabia o trajeto do trabalho e poderia chegar lá até de olhos fechados, mas sentia que algo estava diferente. Não havia pessoas se esbarrando, todas abriam caminho e Syd percebia que havia olhares o observado, seguindo-o a cada passo. “ninguém me conhece, de onde estou tirando isso?”, refletiu.

Syd dificilmente começara a trabalhar sem tomar a primeira xícara de café e fumar o primeiro cigarro, mas naquele momento não havia vontade e ele simplesmente começou a trabalhar.

— Olá, Syd!

— Olá, Tomas, de que horas será a reunião?

— Às 10h. Ansioso?

— Ansioso?

— Sim, pela promoção. Não sabes que será o vice-presidente da empresa?

— Não, não sabia. Ninguém me consultou.

— E você acha isso ruim, Syd? Terás, com certeza, o emprego dos teus sonhos, a própria cafeteira.

— Estou começando a me interessar.

— Todos na empresa já sabem, só estão aguardando o aviso oficial. Parabéns, você merece. É um dos melhores que já vi passar por aqui.

“vice-presidente?” Syd estava eufórico, esperava por uma promoção menos importante, com menos vantagens. “se isso se confirmar, será o emprego dos meus sonhos, carro zero, premiações, um ótimo salário e muita influência”.

Estar como vice-presidente não demandou a Syd maior esforço, muito pelo contrário, era tratado como grande influenciador, gerenciador de conflitos, e possível substituto do atual presidente.

Syd sempre foi um homem muito sério, reservado e de poucas palavras, porém estava transformado. Agora era alguém sempre sorridente, não perdia nenhum evento social e tinha tudo o que desejara.

Lembrou-se do livro e fez dele seu livro de cabeceira – único, por sinal “como não valorizar um livro que te ajudou a ser tudo que és?” “impossível!”, pensou.

Estranhamente, Syd notou que não se recordara de nenhuma dica do livro, não seguiu nada do que recomendara e nunca encontrou outro dele para vender. “realmente o vendedor estava certo, é um livro raro e ele tinha vários. um homem de sorte.”

O senhor presidente Syd Fontes resolveu dar uma grande festa para comemorar mais uma vitória – a vitória suprema. Todos foram convidados, desde os funcionários da empresa até políticos, concorrentes e amigos de infância. Estavam todos lá e o senhor presidente Syd Fontes pensou que não faltava mais nada em sua vida, não havia terras a serem conquistadas.

Morreu.

Ninguém percebeu.

A festa continuou... O sorriso também.

O senhor presidente Syd Fontes continuava sentado em sua bela poltrona, contemplando, com os olhos frios da inexistência, o silêncio fúnebre da mortalidade. Havia ali um homem feliz, sem dor, sem problemas e admirado por todos a sua volta.

Aposentaram o senhor, agora ex-presidente, Syd Fontes. O mercado já não admira apenas sorrisos, quer algo mais, todavia, ainda está analisando. O mercado é assim mesmo, sempre quer algo mais, pede para ser surpreendido, odeia surpresas desagradáveis e todos têm que fazer o que ele manda.

— Senhor? Senhor? Já chegamos à estação postimeiro.

— Estação postimeiro? Ok, obrigado!

Ainda meio atordoado, Syd levanta-se e anda em direção ao guichê, precisava voltar à estação existência.

"sonhos de trem...", pensou Syd. "sonhos de trem...".

Sorriu.

Dessorriu.



## Perpétua

*“Perpétuas palavras pra sempre são,  
prontas na boca assim como na mão”*

Se você está lendo esse manuscrito neste momento é porque você leu os dizeres escritos na caixa vazia e completou a evocação deste papel, das palavras e dos meus pensamentos. Você nunca saberá o quanto eu sou grata por isso. Perpétua poderia passar a eternidade agradecendo.

Tomei por meu dever escrever essas palavras e tentar causar um pouco de saudade daquilo que você eu poderíamos estar vivendo, o nosso tempo de glória. Foi por isso que escondi essa carta na caixa vazia. Assim como você, eu também estudei nesta escola e assim como eu, você também deve se perguntar por que a considerada maior escola priva as suas alunas do direito de estudar os assuntos mais relevantes para elas. Lamentavelmente, se isso acontece na principal, se repete em todas as outras nossas escolas. Eu me lembro (Perpétua nunca se esquecerá) de tudo o que fiz quando aluna para protestar contra as mudanças que começaram como um mero modismo restrito a alguns pensadores das artes mágicas e que depois tomou conta de toda a educação do nosso povo. O que deveria treinar e aumentar nossos talentos a partir de então só servia para os podar. Nunca me conformarei com essa contradição, com essa névoa negra que se impõe e encobre a mente das nossas jovens. A minha militância só resultou na minha expulsão, cobriram todas as reivindicações que escrevi nas paredes, tiraram o meu direito ao diploma, nem meu nome se encontra nos registros. Enterram Perpétua viva! Eu só queria preservar o nosso tempo de glória. Consegui ficar com alguns livros que achava mais importante porque todos os outros antigos foram trocados por novas teorias boçais. Perpétua os procurou e só encontrou cinzas, mas eles são como a fênix porque Perpétua nunca os esquecerá. Aos poucos comecei a entender e percebi que a coisa é pior do que eu pensava. Podar? Não, cortar pela raiz! É isso que estão tentando fazer com o futuro prodigioso que a nova geração poderia conseguir. Ataque a base e tudo rui. Os dizeres de evocação passados de geração para geração é o que diz o que nós somos, Perpétua sabe, se esquecemos de nosso passado, nossa essência, esquecemo-nos de nós mesmos e aí só resta o nada. Se depender de Perpétua isso nunca acontecerá.

Os primeiros dizeres de evocação são de antes do advento da escrita e conhecidos primeiramente na forma oral, sendo assim, as sentenças precisavam ser de fácil memorização. De tal forma eram construídos que se tornavam até difíceis de esquecer e um dos principais recursos usados para causar esse efeito era a repetição do som das últimas palavras das sentenças; fazia com que grudasse na cabeça de quem os ouvisse a ponto de não conseguir ver a coisa sem lembrar-se do dizer da sua evocação. Nunca serão

esquecidos. São poucos os que conseguem abstrair as representações, os invólucros das coisas e capturar a essência delas, foi o que fizeram os nossos sábios antepassados. Expurgar os ritos foi o primeiro e talvez o pior de todos os golpes sofridos, sobretudo porque vai de encontro à verdadeira essência do nosso povo. Chamaram de neutralização do saber e todo o conhecimento que não se enquadrava neste pensamento moderno foi taxado defasado e excluído de nossas escolas. Boa parte do saber acumulado ao longo dos tempos, aspectos da nossa cultura e muitas das nossas grandes antepassadas foram simplesmente jogados ao esquecimento. Não há nada pior que o esquecimento, nem a morte; o esquecimento é o verdadeiro fim de tudo. Nunca se esqueça disso, para que um mágico possa realizar seu truque e tirar o coelho de dentro da cartola ele precisa, Deus sabe de que maneira, esconder o animal lá. Há quem pense que o trabalho de evocação seja trazer à existência algo do completo nada, umas das maiores tolices que já ouvi! É nisso que dá substituir uma educação legítima por essas asneiras neutras, é obvio que nossas meninas ainda não têm o conhecimento para evocação apenas mentalmente, isso só pode ser adquirido com muita prática e maturidade. Nenhum mágico tira o coelho do nada, ele o tira da sua cartola. A nossa cartola é o dizer. Antes que qualquer evocação de algo seja possível, há um trabalho de captura, a verdadeira essência da coisa que se quer evocar deve estar aprisionada no dizer, menos que isso e o trabalho estará fadado ao fracasso. Se um mágico tira da cartola qualquer coisa diferente de um coelho ele não convencerá a ninguém de que estão vendo um coelho, ainda que ele jure isso. Se o dizer não comportar a essência, ainda que contenha a sua representação convencional, não liberará a coisa que todos possam reconhecer como tal. Se os homens não tivessem inventado a escrita, como poderia eu evocar a impressão de meus pensamentos neste papel? De maneira nenhuma! Não é possível evocar algo inexistente, porém a falha em uma tentativa de evocação de dada coisa pode levar a liberação de outra na mesma medida legítima. Tudo o que falei a até agora foi a parte mais elementar, é muito simples conseguir dizeres para evocações de coisas materiais, difícil é evocar coisas imateriais tais como os sentimentos e sensações, se fosse fácil o mágico iria direto ao ponto e puxaria o espanto das pessoas de dentro da cartola ao invés do coelho. Se fosse fácil, tudo o que todo mundo mais quer seria evocado desmedidamente, ser amado e jamais esquecido. Conheço a história de alguém que buscava um, mas conseguiu o outro.

A história que contarei agora era muito usada para advertir as moças do perigo de se tentar evocar sentimentos, principalmente o amor, que além de ser imoral poderia causar danos irreparáveis. Nunca vão me fazer esquecer das nossas antepassadas! Pode não ser a mais verdadeira, mas essa versão é a mais contada em meu tempo e relatada em vários livros, dos quais com certeza a sua biblioteca não dispõe. Diz a lenda que Margarete se apaixonou perdidamente por um jovem rapaz, e fazia de tudo para conquistar seu coração. Como deve ser do seu conhecimento, diferente de hoje, nós não costumávamos nos apresentar socialmente nos tempos passados, a não ser para ocupar cargos realmente elevados. Não tínhamos a necessidade nem a

pretensão de nos mancomunar com a sociedade inferior. Tal foi a insanidade de Margarete que a levou a se mostrar a sociedade como uma jovem viúva sem filhos. Talvez neste momento consista o princípio da sua ruína, o maior erro de uma mulher é renunciar a sua identidade, aquilo que diz o que ela é por um homem. Tudo o que pôde fazer para se mostrar atraente aos olhos do mancebo fez sem pensar. Aconteceu que ele não nutria os mesmos sentimentos por ela, mesmo com sua beleza e jovialidade, a bela dama não conseguia o seu amor. Amor é um sentimento muito perigoso, Perpétua o sabe muito bem. Quando descobriu que o seu desejado se enamorava com uma fulana, não conseguiu conter a raiva, pôs fogo na casa da moça e em risco a sua reputação, porém a sem nome não morreu. A nossa antepassada não conseguia entender porque o seu amado continuava apaixonado pela moça mesmo com parte da beleza perdida nas chamas e, esquecendo-se das regras de conduta e moralidade do nosso povo, decidiu evocar o amor do jovem. Conseguiu encontrar, o diabo sabe como, as sentenças para evocação do amor. Amor é uma palavra muito fácil. Subitamente o jovem passou de ignorante para interessado em Margarete e a corresponder-lhe o sentimento com a mesma medida. Logo se casaram e para o marido não existia mulher no mundo inteiro que se comparasse a sua bela dama, não suportava passar tempo sem ver sua amada e deixou de trabalhar para dedicar o seu dia a esposa. O comportamento não natural do marido começou a causar estranhamento às pessoas comuns e logo fofocas se multiplicaram pela cidade, poderia matar e morrer para preservar boa reputação da esposa, que se tornou alvo de desconfiança. Tudo o que é depravado, mais depravado pode ficar e quando o marido matou mais gente do que podia ser encoberto, Lady Margarete pareceu não mais gostar do amor evocado, na verdade começou a odiá-lo. Quanto mais a aversão ao marido crescia, mais ele parecia sufoca-la com sentimento e como não é possível desfazer o que foi evocado, depois de várias tentativas fracassadas de acertar o que estava errado, a bela dama matou o marido. Ao ver o corpo sem vida daquele jovem pela primeira vez sentiu um pouco de amor verdadeiro e descobriu tarde demais que não existiam palavras para descrevê-lo, sua essência não podia ser capturada. A família do defunto descobriu o acontecido e Margarete foi queimada viva não pelo assassinato, mas por bruxaria, aquilo que ela tentou tanto esconder foi espalhado por toda a região, a cidade ficou célebre e é muito visitada até hoje. Não há naquela região quem nunca ouviu falar em Margarete. Isto, aqueles, que se depender de Perpétua, nunca terão nome, nunca conseguirão tirar de Margarete.

Estou ciente das mudanças que minhas palavras causarão em sua jovem mente. Você nunca mais será a mesma, não pelas palavras de Perpétua, mas pelo que elas capturaram. Não me canso de louvar o privilégio de poder aprisionar meus pensamentos neste pedaço de papel. Grande é a minha satisfação pelo fato de você estar evocando esses pensamentos neste momento. Nós estaremos juntas, eu escrevendo e você lendo todas as vezes em que você por os olhos neste papel, e todos estes momentos serão eternos, Perpétua o sabe, eu sou Perpétua.

## O BECO DO BATE-FUNDO

Eu não sei contar histórias, mas é preciso. O que eu quero dizer é **a vida é constituída de histórias**. Logo, existir é ter histórias. No entanto, ter histórias não é o bastante, é preciso contá-las. O que eu quero dizer é **quem não tem histórias é como um livro escrito numa língua desconhecida**. E aqui faz-se necessário um esclarecimento: se uso o verbo **dizer** é por mera retórica, pois, em verdade, não digo, apenas **quero dizer**. Eu não sou um contador de histórias – nem o poderia ser – mas posso dizer precisamente que os contadores de história dividem-se em dois tipos: aqueles que vivem as histórias e aqueles que as inventam. O que eu quero dizer é **biografias de anjos imolados e sonhos de leões suicidas**. Assim, os inventores de histórias são aqueles que não viveram o suficiente ou de forma suficientemente intensa para ter o que contar e, por isso, se satisfazem em reproduzir alheias histórias ou simplesmente escrever o mundo como queriam que fosse, e o fazem com grandes arroubos de poética e precisão discursiva de artífices da palavra, como a compensar na escrita o que lhes falta na vida; o que eu quero dizer é **escrevem menos para comunicar que por artesanato**. Já aqueles que vivem histórias, escrevem pela necessidade de transmitir ao mundo uma experiência que não podem guardar para si, como a querer que outros possam viver virtualmente aquilo que por eles foi vivido com uma intensidade dilaceradora; o que eu quero dizer, precisamente, é **tempestade de arame no coração da flor**. Talvez você que me ouve não tenha percebido: eu quero contar uma história. Mas eu não sou um contador de histórias, e a história que eu quero contar está de tal forma entranhada no passado que já não sei se a vivi ou a inventei. A verdade é que eu não tenho memória: a minha memória são aqueles que me conhecem. Eu não conheço ninguém, mas as putas e os bêbados e os vagabundos e os poetas e os assassinos e os cachorros e os vultos me conhecem muito bem. O problema é que a morte existe, e, quando morrem, aqueles que me conhecem deixam de ser vida para ser história. Assim, a maior parte da minha memória é a história da história, ou seja, ruas que se bifurcam dentro dos tempos. Mas há essa história da qual não me lembro e que não pertence a alguém, o que implica dizer que ninguém tem a obrigação de contá-la, porque ninguém a viveu ou a inventou. Se estou tentando contar essa história, quero dizer **labor de formigas no silêncio das pedras**, é porque me sinto responsável por todas as inúteis gotas de chuva que eu bebi, por todo o sangue de licor no meu rosto, por todos esses corpos deitados no céu a me observar. E essa é minha justificativa, ou melhor, vísceras de nuvens nos varais da primavera. Talvez eu já tenha dito isso antes, mas eu não sou um contador de histórias, nem poderia o ser; sou quem eu sou, o que significa dizer que sou apenas isso. Tudo o que penso são as palavras ainda quentes na boca daqueles que me conhecem, o que implica dizer que o meu pensamento são versos escritos na areia da praia. Se você que me ouve me conhecesse, ou melhor, se você conhecesse aqueles que me conhecem, estaria se perguntando por que falo assim a gramática de paralelepípedos de antanho com essa argúcia de pedras polidas e não a linguagem dos becos sujos e recônditos. Eu apenas digo: não sei ler, escrever ou falar. E se acaso esse amontoado de palavras chega a você que me ouve é por algum meio escuso para mim inexplicável. A única coisa que sei é essa história que eu não sei – viela sempiterna. Talvez você, que me ouve, não tenha percebido, mas eu não consigo começar a história: tudo o que foi dito até aqui nem é uma introdução, razão pela qual você já deveria ter desistido de saber essa história que eu não sei – ruído de lágrimas da infância do cristal. Talvez eu não tenha deixado isso claro: eu não sou um contador de histórias; mas preciso contar essa história que eu não sei, e é por isso que o que eu digo segue o fluxo do mar, ou melhor, de todos os mares. O que eu quero dizer é **a ordem das coisas é o caos** e essa moça de

sapato amarelo vinha descendo as ruas, da praça Rui Barbosa, passando pela Seabra até a Estrada de Ferro e aparece aqui por um ignoto motivo entre místico ou diegético; quando me dei conta, ela já estava dentro de mim, caminhando em direção ao Bate-Fundo, lugar bom de dançar – barulho de pandeiros e violão –, ela vinha com seus sapatos amarelos – dança de aço derretido – e qualquer coisa no seu caminhar me enchia de um desconhecido júbilo por estar ali, no lugar em que eu sempre estive; e foi como se o calendário da minha existência ganhasse, naquele segundo, uma completude só alcançada na morte, ou seja, florestas entorpecidas em chamas de algodão. Mas o que eu quero dizer é que essa moça vinha com seus sapatos amarelos em direção ao Bate-Fundo, e já era a noite de um dia em que algum jagunço escrevia a poética dos tiros e resolveu desfechar um ponto final no peito do coronel Aristóteles. Mas disso eu não me lembro. E isso é o mesmo que dizer o que sei sobre mim é o que sabem sobre mim – verdade ou não. O meu nome é **aquele que espera para sempre**, e o que eu quero dizer com isso é **para sempre: verdade absoluta do cimento**. E se eu tento contar uma história que eu não sei e ninguém sabe, que não é minha e não é de ninguém é porque é preciso. Essa moça de sapato amarelo, carne do sol queimando a noite, era uma foice ceifando a imundice do mundo; seus olhos de lâmpada de cloro e cacau eram faróis de profecias guiando a esperança no intestino da urbe. Essa moça, seu passo de locomotiva de papel arroz, caminhava com a fúria das abelhas produzindo mel, serpenteando os quadris em direção ao Bate-Fundo. Ela caminhava e isso eu sentia dentro de mim. Se eu pudesse, a agarraria com um abraço de bicho feroz e faminto, o que eu quero dizer é **eu a devoraria com os dentes que eu não tenho**, porque ela era a visão de qualquer coisa divina e cândida, violência de alegria e sonho, navalha nas retinas, o que eu quero dizer é **epifania**. Como parar aquele segundo? Ela continuava a caminhar em direção ao Bate-Fundo; talvez eu tenha pensado **onde estão os terremotos?** Mas eu não penso, eu não sei contar histórias; o meu nome é **aquele que não se move**. Ela continuava caminhando, fuga de constelações no aquário da noite, e como um trovão que explode na boca da borboleta, ela disse “juro que eu volto, pode esperar” e sumiu para dentro do Bate-Fundo, embriagando o ar de qualquer perfume de erva... cravo? Eu sou aquele que espera. Mas eu não lembro disso. A minha memória são os outros e essa história que eu não sei agora é sua, você me ouviu. Porque eu não sei contar histórias. Eu sou o silêncio de um amontoado de cimento e pedra, o que eu quero dizer é **eu me chamo O BECO DO BATE-FUNDO**.

## O psicólogo dos espíritos

Ainda criança, Raulzinho via espíritos, coisa que o deixava com um medo terrível. Às vezes ele saía correndo, e se escondia debaixo da saia de sua mãe, ou ficava embaixo da cama até o espírito desaparecer da sua frente.

Sua mãe, D. Filomena, era daquelas que metia medo até nas almas, assombrava até o diabo, e quando acontecia dessas coisas, ela metia o cinturão no coitado do menino.

- Se escondendo de novo, menino? Outra vez com aquela estória de espírito?

- É mãe, estou com medo. – tremia ele.

- Menino isso não existe. Sabe o que faço com essas almas penadas? Mando todas elas pro inferno. - disse bufando.

D. Filomena já não sabia mais o que fazer, levava o Raulzinho nas igrejas de todo tipo, nos curandeiros, benzedeiras, até no pai de santo, ele foi. E o danado do menino não parava de ver espíritos. Até alguns deles ficavam sussurrando nos seus ouvidos. - Raulzinho, Raulzinho...

Mas D. Filomena não cansava de procurar uma cura para o seu filho. Certo dia encontrou sua comadre Quitéria do Arregalado na Rua do Tabuão. A mãe do menino parou enfrente com um olhar desesperador, e desabafou:

- Comadre Filó, que cara de assombração é essa?

- Comadre, o Raulzinho está vendo espíritos, eu acho que esse menino está ficando doído.

- Comadre Filó, não fica assim não, leva esse menino prá esses médicos de cabeça.

- Os psicólogos?

- Sim, esses mesmos.

E assim a mãe de Raulzinho resolveu seguir os conselhos de sua comadre. Levou o menino a vários psicólogos. Marcaram uma consulta até para certo Dr. Freud, um psicólogo renomado. Esse sim iria resolver o problema do Raulzinho. Os dois foram para o consultório do Doutor e chegando lá ao ver esse tal psicólogo, saiu correndo assustado, gritando que estava vendo espírito e foi se esconder debaixo da saia de sua mãe. D. Filomena não entendeu nada, olhou prá um lado, olhou para outro e não viu ninguém.

- bichinho, tão doentinho da cabeça. - era assim que sua mãe o considerava.

Raulzinho foi a tantos psicólogos, que tudo parecia ter sido resolvido, estava curado, não via mais espíritos, e resolveu estudar psicologia. Tornou-se um psicólogo. Tempos depois, já um homem feito, sua vida não ia nada bem. A verdade é que estava falido.

Um dia, Doutor Raul estava num ponto de ônibus e ali havia uma senhora de meia idade a seu lado esperando também o coletivo, quando de repente percebeu que o jovem ficou branco igual a papel, e disse:

-Está se sentindo bem? Parece que viu fantasma!

Pelo transtorno de seu rosto, a senhora sentiu que era coisa séria. Assustado com os olhos arregalados e voz trêmula, ela falou:

- Pa... Pa... Pai! Estou vendo! Vendo o meu pai!

Ele já morrera há muitos anos, e agora estava ali bem a sua frente.

- Mas meu jovem não tem ninguém aqui.

Desesperado saiu correndo sem parar. Já cansado, sentou-se num banco de praça, quase sem fôlego, pensando que estaria livre do espírito de seu pai, quando de repente ele surge a sua frente.

- Raulzito, não tenha medo, eu só vim fazer uma proposta para você. Preciso de sua ajuda.

Sem forças, com as pernas trêmulas, ele mal conseguia falar.

- Meu filho, onde eu estou morando, no purgatório está uma zona danada. O Che Guevara, Karl Marx, Carlos Prestes, Hitler, todos eles se juntaram e estão fazendo uma revolução de estremecer os ossos. Ficaram birutas, estão falando coisas sem sentido, sem nexos. Acredita que Hitler está dizendo que é Judeu? E o Che? Agora é capitalista. Eles estão malucos. Não dá prá controlar toda aquela situação. Tudo está fora de controle.

- O que... O que o senhor... Quer de mim? - Raulzito quase não consegue falar de tão nervoso.

Eu quero que você seja o psicólogo deles. É disso que eles precisam. E quanto a você, vou te ajudar a ser um psicólogo renomado.

- Mas como vou ajudar? Você vai me matar? Eu vou para o purgatório? Ele tremia que nem vara verde.

- Calma... Calma! Não é nada disso. Quando chegar a hora eu explicarei o que você tem que fazer, mas agora vou embora, que estão me chamando lá embaixo. - falou seu pai.

Seu pai sumiu de repente, da mesma maneira que apareceu. Raulzinho ainda trêmulo achava tudo aquilo estranho, as pessoas que passava o olhavam de forma esquisita. Ele saiu dali de mansinho em silêncio. Em casa não contou nada prá ninguém, pois quem iria acreditar nele, naquela estória maluca?

Passaram-se uns meses e seu pai não entrou mais em contato. Sua vida mudou agora seu consultório estava repleto de pacientes, não sobrava tempo para o Doutor Raul.

Doutor Raul estava muito feliz, e acreditava que não via mais espíritos. Um dia estava no seu consultório, quando a secretária anunciou o próximo paciente. Ele não acreditava no que estava ouvindo, lá estava ele no seu consultório, o Senhor Diabo. Suas pernas tremeram, ficou verde, branco, de todas as cores, de sua boca não saía uma palavra. Quando ele entrou de sala adentro, o cheiro do enxofre que invadiu aquele local o denunciou.

E o diabo todo autoritário foi logo falando: - Vim aqui me consultar, não aguento mais aquele purgatório, aquele pessoal além de fazer uma revolução, inventou de fazer uma festa de arromba e não me convidou. Lá só Jesus tem valor, o pessoal acredita que vai se salvar, só dá “graças a Deus” e nunca “graças ao diabo”, - Eu não presto mesmo.

De repente Zeus, o deus grego entra na sala, meio de supetão e diz para os dois que estavam com cara de assustados:

E disse Zeus: - Estou esperando há horas e quero me consultar também.

- Não dava prá esperar? - Disse o diabo com ignorância.

- Não, desci até o purgatório e não gostei nada do que vi ninguém me reconheceu, até o meu irmão Hades estava lá, satisfeito, passou por mim e fingiu que não me conhecia. Esqueceram de mim. Sou tão infeliz. - disse quase chorando.

Alguns instantes depois ouviram alguém batendo na porta com uma voz inconsolável, era Jesus. Ele entrou meio confuso, pois ouviu vozes. A sua frente estava Zeus e o Diabo. Já o doutor Raul, se encontrava atrás de seu birô, todo encolhidinho observando todos eles.

O diabo sem entender o que seu rival estava fazendo ali, logo se adiantou a falar muito ignorante:



- Aí, o que você está fazendo aqui? Está estressado também é? Num tom irônico disse: “Queridinho do papai?” Jesus respondeu-lhe:

- Sim estou. As pessoas estão divididas, não me reconhece mais, tenho tantos nomes, e isso está me deixando confuso. Uns me chamam de Jeová, Alá, Deus...

Zeus interrompeu e disse: - você está com crise de identidade.

Jesus respondeu: - Imagine ser três em um, quem não ficaria confuso?

O diabo sentindo-se superior diante de todos prosseguiu com sua ironia: - Cala tua boca Zeus ou “esqueceram de mim dois”, você não sabe de nada. Você está com complexo de inferioridade. Aqui quem sabe é o nosso psicólogo. E virando-se para o Doutor Raul, falou: - Não é mesmo?

E desta vez foi Zeus quem respondeu para o diabo: - É melhor do que ser invejoso.

Doutor Raul recuperando-se do susto de ver todos eles reunidos, pede com voz ainda trêmula para que todos relaxem e fala bem baixinho num tom ameaçador: - Escutem! parem com essa discussão, dessa maneira vou ter que fazer uma regressão em vocês.

E o diabo disse: O QUE? Que regressão que nada, eu mesmo não faço.

Nesse instante Raulzinho baixou mais a sua voz, encolheu-se em seu sofá, mas de repente pensou: - Que psicólogo seria dessa maneira que não saberia lidar com essa situação? Foi quando encheu os pulmões de ar, criando coragem. Foi se engrandecendo pouco a pouco e disse:

- Parem! Parem!

Todos os olhares se dirigiram para ele, surpresos por aquela reação. E o Doutor Raul começou a fazer um discurso, ali mesmo, naquela sala.

- O psicólogo aqui sou eu. Quem fala aqui sou eu. Deixou bem claro para todos e continuou:

- Zeus, você é considerado um deus da Grécia, tem várias mulheres, vários filhos, tem poderes de se transformar em animais e tudo mais. Você ainda é lembrado, nas escolas, nas aulas de Mitologia Greco Romana e por que você está reclamando?

- E você Satã? Você é uma pessoa ruim, cheio de maldades, inveja, ambição, ganância e outras coisas mais. Nessa hora o diabo interveio cheio de modéstia e disse: - Não precisa ser

bonzinho comigo! E Raulzinho respondeu: - Mas não é isso que você quer? Ser o príncipe das trevas!

Em seguida, Doutor Raul olhou para Jesus e disse: - O Senhor é bom, caridoso, ama todo mundo, até os seus inimigos. Como te chamam não importa. O importante é que você saiba quem você é. Não tem motivo para ficar confuso.

E eles se olharam e perceberam que o Doutor Raul estava certo e voltaram ao purgatório. O diabo separou as pessoas que iriam acompanhá-lo ao inferno, e Hitler ficou bem amiguinho dele. Zeus voltou para o Olimpo e Jesus escolheu o seu rebanho e levou para o céu. E o purgatório voltou à tranquilidade que era antes.

Doutor Raul não sabia que todos aqueles que eram seus pacientes e sua secretária eram do outro mundo. A fama não o deixava ver o que estava acontecendo, já não era mais um homem falido.

## LAPSOS, MULHERES, ESPECTROS E ESPELHOS

Clarissa acordou. Eram sete horas. Olhou-se no espelho.

– Fora linda...

Todas as manhãs era tomada por este espectro, que sempre espreitando, irrompia daquela falta de ordem que era o quase sono, aproveitando-se da pobre em seu estado de invigília.

Lavou o rosto com água e sabão. Escovou os cabelos.

– Fora linda!

Pois que não há espectro maior na vida de uma mulher, e ele sabia, e lembrava, e ela... sabia. Desde os trinta, sabia que ia-se aqui e ali, um pouco do que tinha de (muita) beleza, o pouco fizera-se muito e em muito nada. Nada sobrou. “Ostensivamente linda” pulsava seu coração, como que num esforço para corar-lhe as faces, mas o que é, para um rosto velho, enrubescer?

Espalhou a base por todo o rosto com as pontas dos dedos. Mirou aquela regularidade plástica do que não era face sua. Máscara.

– Fora linda.

Numa nota grave, reboava naquele turbilhão meio desconexo que era ela, fechando os olhos com força, e quase pode sentir o antigo vigor renascer de cada célula faiscante daquele corpo (oh não!) velho! E chorou a juventude ida em grossas gotas pia abaixo, mas a velhice não vaza.

Esticou os olhos e a maçã do rosto. Passou batom na boca já meio murcha. Voltou aos olhos, delineou-os. As linhas firmes deram àquela composição certa determinação curiosa, que pensando bem, pareciam um desafio às mãos vacilantes. Em que empresa Clarissa empregava suas forças? Com um pincel grosso plasmou nas bochechas uma vida que morria antes de sequer chegar aos olhos.

Não era mais Clarissa. Era velha. Era feia.

A juventude sim escorrera por aqueles sulcos de árvore velha.

Sobre tudo isso teria pensado se seguisse como os outros, como seu marido talvez, um fluxo de consciência. Mas era um gêiser, uma cachoeira, qualquer coisa que cai ou explode e só se vê o que não se sabe de onde vem.

Era manhã. Clarissa desejou bom dia ao marido recém-acordado, lançou um beijo torto e um olhar rápido ao espelho da penteadeira. Foi fazer o café da manhã.

## Jonas

Os meninos remelentos que brincam ora com seus carrinhos de rolimã, ora com suas armas verdadeiramente de brinquedo. As meninas inocentemente violadas, com suas chimbras verdes, azuis, incolores e suas bonecas-filhas ou filhas-bonecas. O tráfico na praça central. Pelos becos, os panos estendidos, enquanto alguém corre para avisar algo a alguém de quem não se pode falar. Ver ou ouvir. Pelas ruas, de tranqüilo só os porcos chafurdando em lama, num calor de 37 graus. Os porcos comem o que um garoto jogou fora e o que o outro garoto deseja comer. As verduras espalhadas no Mercado da Produção. Mas o Brejo Lagoento ainda vibra! Com a música que sai de dentro das casas das lavadeiras semi-analfabetas e das mocinhas ainda em trajes escolares. A música que fala de Vela, de Reza, de Santo, de Sexo. O sagrado e o profano. Misturados em um colorido uniformizado, uniformes das crianças e dos operários.

As pessoas saem de suas casas rumo aos seus trabalhos forçados, por um sistema mais invisível do que eles. O carrego no Mercado, a banca de verduras, o tráfico de drogas. Pressa, amor, raiva, calor, fazem seus corpos suarem, pingarem. Uma sensualidade notável, porém rejeitada. E a pela morena do povo, se gruda às suas roupas de pano fino (finíssimo, aliás), confeccionadas por uma costureira do bairro. Bete era a costureira de mão cheia... De calos e cicatrizes. Dos vestidos de noiva às roupas das prostitutas.

Bete criou sozinha seu afilhado Jonas. A vida inteira tentando suprir, entre uma encomenda e outra, a ausência da mãe e do pai que haviam sumido no mundo. Para quê? Não sabia muito bem. Talvez faltasse alguma coisa. A lama, a lagoa, o sururu? Ainda estavam lá, desde a infância do menino. O que seria, então?

Talvez fosse normal abandonar aos doze anos de idade o Lar que de Nosso não tinha nada. Não tinha merenda. Era tempo de só esperar e rezar. Mas o moleque já tinha dezoito anos e a reza não adiantava nada. Bete não chorava. Esperava. Mas as noites em que Jonas estava fora a preocupava. Não era nem a solidão que sentia, pois essa sempre esteve lá... Mas lembrava da história do Jonas que havia sido engolido por uma baleia lá na época em que Jesus nem havia nascido. Tinha contado diversas vezes essa história ao seu menino em tempos de bem criança, e ele perguntava: “Será que existiam baleias na lagoa Mundaú?”. E os risos se estendiam durante as noites. Mas nessas noites dos tempos de adulto os risos nem chegavam. Jonas estava ocupado em suas redes... De intrigas, conversas de pe(s)gador.

Jonas tinha perdido muito tempo de sua vida andando cego, guiado por não sei quem. Para quê? Não sabia muito bem. Sempre faltava alguma coisa. Faltava o relógio que nunca poderia ter, a loira gostosa que nunca poderia comer, o restaurante que nunca poderia

frequentar. Para ele só ficava o trabalho no Mercado ou no Centro ou no Ônibus ou na Rua. Ou? As opções não eram muitas para um menino preto, pobre e fodido. Sem pai nem mãe, criado por costureira católica e fervorosa. Agora não! Hora de mandar o guia de cegos se foder. Hora de Jonas tocar o terror. Não tinha mais medo da história do moço que havia sido engolido por uma baleia lá na época em que Jesus nem havia nascido. Já sabia que não havia baleias na lagoa.

A madrinha já não precisava suprir nada. Agora era ganhar o pão nosso de cada dia e, quem sabe, o filé mignon também. A loira gostosa que tanto queria apareceu. Numa noite, num depósito, no bairro do Jaraguá. Comeu! Saciar a fome é o que há. Pena que ela não aproveitou muito, não estava com fome também. Antes gritou, chutou, bateu, chorou. Mas os seus braços finos de menina de dezesseis anos não ajudaram muito. Facilmente amarráveis. Matar ou largar? Largou. Grande erro? O pai dela era empresário, fazendeiro, dono de terra. Mandava na saúde, na escola, na polícia. Era gente que podia... roubar e matar e ninguém fazia nada!

Jonas morreu em um conflito entre polícia e bandido. Ou bandido e bandido? Ou culpado e culpado? Mandados, mandantes. Um tiro na cabeça e a reza fervorosa da madrinha na igreja São Francisco de Assis. Morreu de morte mandada e matada. Mas era traficantezinho novo, viciadinho sem vergonha, estupradorzinho de merda. Ninguém ligava, ninguém entendia muito bem. Mas Bete ligou, e muito! Só não para a polícia, ou para imprensa ou para um advogado. Ou? As opções não eram muitas para uma costureira, favelada, semi-analfabeta. E ninguém falava nada.

A bíblia já não adiantava mais. Rezar? Aquele lugar continuava na merda desde que se lembrava. Crianças nasciam, cresciam e morriam... Assim como o seu Jonas. E esse era o curso natural da vida na Brej'Al. O velho curso dos corpos que afundam e se decompõe no canal da Levada. Lavados e levados pelas lágrimas das costureiras.

Mas Bete tinha que falar! Seu menino não era mau! Mau era quem tinha lhe roubado, antes mesmo de ele ter nascido. O alimento, a escol(h)a, a bicicleta. Mas ela não era louca! Não podia falar a verdade e como o Jonas de bíblia também não falou. Jonas... Não era um bom nome para seu afilhado, ele que sempre fora corajoso. Ela tinha medo, ela não falava. Não queria ir para Nínive pregar a justiça divina. Mas a justiça ali era feita por quem tinha a arma maior. E ela não tinha armas. Ou tinha? A arma de verdade estava guardada junto às armas de brinquedo. Ela sabia, sempre soube. Os policiais estavam ao lado da padaria, no beco cujo nome não é pronunciável. Matar? Morte. É. Jonas não tinha matado e porque ela então? A Lama, os mosquitos, as crianças. Bete chorou. Era horrível. Agora podia entender. Foda-se a arma, nada mais adiantava. O que ia adiantar?

A lagoa ainda era bonita pela tarde, foi até lá. O local de tantos jovens abandonados, que no fundo só querem o que lhe negam. Bete pensou. Na vida que não tinha tido, nas escolhas que não tinham lhe ofertado, nas promessas que tantas vezes escutou. Ela e o seu Jonas. Dois marginalizados, como o resto do povo que ali era escondido. Do que adiantava gente como ela? Nunca iria saber. Ou iria? Talvez. A arma ainda estava ali, tocando sua pele, seu quadril. A arma fria que antecipa o frio da morte e que guarda uma bala tão quente. Paradoxos, a vida é cheia deles. O que aconteceria se pudesse ver Jonas mais uma vez? Pediria perdão? Tocaria o terror? Não sabia. Mas queria saber se haviam baleias na lagoa. Esperança. A infância recuperada, ou não. Não é? Um tiro certo bem na testa, assim como o de seu afilhado. Problema resolvido. E ao abrir os olhos, a baleia estava lá. Talvez ela cuspsse Jonas.

## Vida real.

Noite fria, silêncio e última parada por hoje. Havia algo que diferenciava Luciana das outras adolescentes com quem convivia diariamente. Sua rotina noturna lhe causava alguns problemas, afinal, vida de garota de programa nunca foi algo que a sociedade contemplava com presentes e tapete vermelho. Ao contrário. A discriminação era algo diário, que nem lhe causava tanto incômodo. Depois de algum tempo, sequer sentia remorso quando passava a noite com o pai de suas amigas, conhecidas, ou de algum vizinho. Homens que praticamente a viram nascer.

Vinda de uma família pobre, cujos pais morreram em um incêndio na fábrica automobilística onde trabalhavam. A pobre moça se viu em uma situação lastimável, e após velar os corpos dos pais, ou pelo menos a simbolização das cinzas que restou dos corpos carbonizados, desamparada e endividada, não houve muitas escolhas para seguir. O dono da mercearia foi o primeiro a lhe incentivar a fazer isso: pagar a dívida com sexo. E foi isso que lhe seguiu. Desde seus quinze anos, era sua rotina, e para falar a verdade, ela acabara acostumando-se com essa vida. Morava sozinha e isso lhe dava alguma vantagem em saber que, se o cliente preferisse “hora extra”, não existia ninguém que se importasse, caso ela chegasse ou não em casa.

E então chegou o dia 3 de Outubro de 1992. Um dia que não sairia de sua memória, mesmo após cinquenta anos. Um médico novo chegara à cidade e o comentário era que ele nunca fora casado. Esse misterioso homem lhe causou curiosidade. Ela estava disposta a qualquer coisa para saber mais e mais sobre aquela caixinha de surpresas de jaleco branco.

Passaram-se semanas e a curiosidade só aumentou. Por esse motivo, marcou uma consulta com o senhor segredo, e, ao chegar ao consultório, surpreendeu-se com a beleza do maravilhoso ser que a convidou para uma conversa.

- Então, senhora Luciana, não é isso?

- Senhorita, mas pode me chamar de Luciana, senhor...?

- Ricardo!

- Senhor Ricardo. (Silêncio constrangedor)

- Vejamos, então. O que a traz aqui, Luciana? Alguma queixa?

- (Na realidade, sim! Eu não estava aguentando mais tanta curiosidade em conhecer o médico que causou desconcerto em todas as pessoas da cidade mas que nunca apareceu em nenhum evento. Sendo assim, resolvi vir com a minha cara de pau aqui.) Pra ser sincera, eu só

quero um exame rotineiro. Só para garantir que não há nada de errado comigo. (Mesmo sabendo qual é o meu verdadeiro problema: falta de juízo e de sensatez.)

- Sendo assim, vamos começar com os mais simples e você volta na próxima semana. Que tal?

- Combinado.

Passou-se a noite, mas havia algo nela que mudou depois da visita ao médico. Ela não sabia, mas algo estava diferente. Dois dias depois, o telefone toca. Um número que não estava salvo em seus contatos e isso era muito estranho, já que praticamente tinha o número de toda a cidade salvo em sua agenda. Preferiu não atender. Três tentativas depois, ela atendeu:

- Boa noite.

- Boa noite. Quem é?

- Desculpa o descuido, não me apresentei. Sou o Ricardo, lembra-se de mim?

Um choque percorreu suas veias e passaram pelas suas artérias de uma forma tão violenta que seu coração bombeou o sangue rapidamente, que sentiu uma falta de equilíbrio e não conseguiu responder de imediato. Uns segundos após, desnorreada, ela respira fundo e abre a boca:

- Oi. (Foi a primeira vez que ela sentiu aquela sensação na vida. Já ouvira relatos de que há uma queimação no coração só em ouvir a voz de alguém, algo como borboletas no estômago, perder o chão, mas, na verdade, aquilo parecia mais como um tiro no peito ou um acidente vascular.)

-Eu queria saber se você está bem. Fiquei curioso para saber algo a mais sobre a sua vida, algo que não seja a quantidade de glicose ou plaquetas no seu sangue. Você é o tipo de mulher misteriosa, e se não for muito atrevimento, queria te convidar para um passeio.

Ela pensa... pensa... e não vê nenhum mal em aceitar o convite.

-Tudo bem, aceito.

- Ótimo, passo para te pegar amanhã às vinte horas, tudo bem?

- Sim, combinado então. – E desliga o telefone.

O dia passou devagar e sem pressa, um minuto equivalia à uma hora. No dia seguinte, pontualmente ele chegou. Um encontro totalmente diferente do que ela esperava. Ele a vendeu e



saíram em direção ao desconhecido. Quando chegaram ao destino, Lu tirou a venda e quase entrou em combustão de tamanha surpresa. O jardim era lindo. A toalha e a cesta no chão a deixaram sem palavras. Ele, muito gentil, colocou em prática todo o seu cavalheirismo que aprendera. No desenrolar da noite, ele disse que existira uma razão específica para a ter convidado para uma noite a sós. Falou que, muito tempo atrás, havia recebido uma ligação de uma mulher bem conceituada na cidade e que essa mulher tinha lhe pedido que enviasse um presente especial para ela. Ele saiu e a pediu que fechasse os olhos para receber a surpresa que ela iria adorar. Voltou com uma espada linda e reluzente. Com uma voz rouca no ouvido dela, Ricardo falou baixinho que aquele presente era por ela ter destruído o casamento dos seus pais. E cravou a espada no coração da pobre moça. Esperou ela agonizar até morrer definitivamente. Levantou-se, limpou os sinais de sangue das mãos, olhou-a bem e, antes de ir embora, falou para si mesmo: - Até que a víbora era bonitinha!

Ligou o carro e foi embora.